

Manual do professor digital

Ficha da obra

Obra: Orie

Autora: Lúcia Hiratsuka

Ilustradora: Lúcia Hiratsuka

Número de páginas: 48

Categoria: 3

Segmento: Pré-escola

Temas: Família, amigos e escola; O mundo natural e social

Gênero: Livro de imagens

Biografia da autora e ilustradora

Uma vida desenhada para se narrar

Lúcia Hiratsuka, autora e ilustradora deste livro, nasceu em 1960, no interior de São Paulo, em um sítio chamado *Asahi* – que, em japonês, significa “sol da manhã”. Desde criança se percebeu envolvida pelo desejo de narrar. Segundo a autora, “Quando era bem pequena, minha avó rabiscou um peixinho no chão do nosso quintal de terra. Gostei tanto que desenhei também e nunca mais parei. De lá para cá foram muitos peixes. Além do quintal, também as paredes das tulhas e o terreiro onde meu pai espalhava café enchiam-se de garatujas. E era divertido usar, no lugar do lápis, o carvão retirado do fogão a lenha. Lembro que os meus rabiscos sempre tentavam contar histórias. Aprendi a ler com meu avô. Os livros lá de casa eram, em sua maioria, escritos em japonês e conheci também alguns *ehons*, livros com ilustração. E acho que foi a partir desses livros que nasceu o meu desejo de escrever e ilustrar. Na época, nem sabia que existia essa profissão, apenas sonhava um dia trabalhar com desenhos”.

Das vivências de infância, Lúcia retira a inspiração para suas narrativas. São espaços que nos trazem as singularidades da visão de mundo da autora, costuradas em composição entre seus traços e suas palavras. Lúcia escreveu e desenhou diversos livros para crianças, pelos quais recebeu importantes prêmios, tais como o Prêmio Jabuti, na categoria de ilustração, e o prêmio de Melhor Reconto da Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil (FNLIJ), em 2008. Seu livro *Orie* foi eleito o Melhor Livro para Crianças pela FNLIJ em 2015 e escolhido para o catálogo White Ravens da Biblioteca de Munique e para a Lista de Honra FNLIJ-IBBY, em 2016.

Sobre o livro de imagens

Imagens e palavras que (nos) habitam

No livro de imagens, livres, os desenhos tomam a dianteira e sugerem interpretações numa cadência peculiar. Somos arrebatados pelas páginas, e as sequências ilustradas vão ganhando sentido, formando narrativas em conjunto com palavras. O que se inicia é, na verdade, um passeio de liberdade pela imaginação.

Já não somos os mesmos depois de mergulhar em narrativas que envolvem desenhos com palavras. Já não somos os mesmos depois de articular imagens com letras, de descobrir as infinitas potencialidades de interpretação – de texto e de mundo – que essa conjunção propõe. Ler um livro de imagens é deixar-se inundar pelos sentidos trazidos na narrativa: habitando imagens e palavras, sendo habitados por palavras e imagens, criamos, também, nossos novíssimos edifícios de ideias para morar.

De acordo com as precisas palavras da crítica literária de produções para crianças e jovens Cecilia Bajour:¹

Mesmo que os livros ilustrados ou até alguns livros de imagens não sejam os únicos que buscam e encontram estratégias para combinar o mostrar e o ocultar (seria injusto com alguns textos maravilhosos que chegam a esse porto por outros caminhos que não necessariamente tendo a imagem como parceira), vou me referir especialmente a eles, porque nos últimos anos promoveram uma verdadeira revolução na arte de mesclar linguagens e alguns são interessantíssimos para considerar o que chamo “artesanato do silêncio”.

1. Cf. Cecilia Bajour, “O artesanato do silêncio” (trad. de Dolores Prades). Disponível em: www.revistaemilia.com.br/o-artesanato-do-silencio. Ver também, da mesma autora, “A voz nasce do silêncio – a construção do não-dito” (trad. de Thais Albieri). Disponível em: www.revistaemilia.com.br/a-voz-nasce-do-silencio-2.

Esses livros se caracterizam por uma relação de interdependência entre imagens e palavras que se dá, não só no nível do que é dito ou mostrado, mas na esfera total do livro como objeto material e cultural. Os sentidos se constroem a partir da interação das linguagens presentes, a língua, a imagem e a edição, que considero uma linguagem própria que, por sua vez, ajuda a orquestrar as outras. Embora o visual ganhe um relevo impactante, a palavra (quando há) não é um mero ornamento mais ou menos belo. Pensá-la como algo óbvio ou acreditar que sua tendência à brevidade (tendência que não se aplica a todos os casos) lhe subtrai hierarquia na hora de ler é desconhecer uma condição necessária desses livros.

A leitura, individual ou acompanhada, de um livro de imagens oferece à criança ferramentas essenciais para o seu desenvolvimento. Em termos de aprendizagem, especialmente quando consideramos o âmbito da educação infantil, tal experiência de leitura dá suporte para a construção da identidade pessoal, estimula a fantasia, o desejo de conhecer a si mesmo e o outro – a abertura, portanto, para a experimentação e para a observação ética, tão importantes na relação respeitosa consigo, com o outro, com a sociedade e com a natureza.

Sobre o livro *Orie*

Um rio chamado tempo

Eu vejo aquele rio a deslizar
O tempo atravessar meu vilarejo
E às vezes largo o afazer
Me pego em sonho a navegar
(“Xote de navegação”, Dominginhos
e Chico Buarque, *As cidades*, 1998.)

À primeira vista, *Orie* pode parecer uma narrativa simples. E, de fato, é; o que não quer dizer que seja simplória. Muito pelo contrário: atravessando os cenários desenhados com detalhes marcantes (o voo da garça; o contorno das montanhas; a sombra do barco; a ondulação dos peixes nas águas do rio) e mergulhando em frases curtas, construídas por palavras certeiras, acompanhamos o crescimento da menina Orie – em um dia? Em alguns anos?

Acompanhamos as mudanças na relação que Orie estabelece com ela própria, com seu pai, com sua mãe, com o seu entorno – o rio, as águas, o barco, o remo, a cidade. Nesta aparente simplicidade cabe uma grande revelação, tão singela e cotidiana e, ao mesmo tempo, tão misteriosa: como apreender a vida que passa? Mudamos tanto, tão fluentemente como as águas do rio, que passam em movimento e nunca são as mesmas, mas para onde vamos? Qual a medida do tempo?

Os desenhos de Lúcia Hiratsuka – que retomam as composições japonesas – são concomitantemente delicados e marcantes: abrem e ampliam mundos imaginativos, são generosos. Nos convidam a embarcar em uma narrativa na qual os detalhes das imagens fazem as vezes das palavras – e as palavras, quando aparecem, marcam profundamente, pois emocionam e propõem reflexão. (“Os braços do pai são fortes. Os olhos da mãe são macios. O barco parece um ninho. Pai, mãe, Orie, quem nem passarinho.”)

Assim como a vida, *Orie* é um livro de perguntas, não de respostas: cada página, imensa e íntima, vai nos levando adiante, cada vez mais envolvidos pelos passos da menina (primeiro pequenos, depois um pouco maiores) e pelo passeio, sobreposição de realidade bruta (o remo é pesado; remar é trabalho; “o chão do barco é duro”), de algazarra (na cidade cheia de cores, máscaras, gentes), de fluência e silêncio (nas águas do rio com suas surpresas mágicas, seus doces delicadamente jogados do alto por uma moça gentil, seu passar do tempo). Vida, em suma, que é sem fim, em frente e nunca mais.

Saberes por dentro, percepções sobre o lado de fora: o eu, o mundo, o livro de imagens em *Orie*

Em *Orie*, Lúcia Hiratsuka, por meio de seus desenhos e palavras, vai ao encontro de questões caras às crianças que estão terminando o ciclo da educação infantil. A presença da menina que cresce e amadurece no decorrer da narrativa dá ferramentas para que os leitores vejam retratada a sensação de autonomia proporcionada pelo crescimento.

Crescimento que não é solitário: está acompanhado pelo pai (com seus braços fortes), pela mãe (com seus olhos macios), pela chegada da criança menor (autorizando os passos mais largos e firmes de *Orie*), pelo trabalho da família (que garante a sobrevivência), pelo navegar do rio e pela chegada à cidade (observando e vivenciando o mundo natural e as múltiplas relações que nascem no mundo urbano, as quais, por sua vez, cada qual a seu modo, possibilitam as mais diversas fantasias e imaginações).

No mergulho na narrativa de imagens, acompanhada de forma cadente pelas palavras (dosadas em quantidade exata para as crianças que começam a se aventurar independentemente pelo mundo das letras, como é no começo do processo de alfabetização), os leitores

acompanham *Orie* e através dela podem reviver a própria história: como me relaciono com minha família, comunidade, com o mundo ao redor? Como é crescer e descobrir as letras, ler desenhos, e, com elas, ter acesso a outras formas de imaginar?

Nas páginas a seguir, proporemos algumas atividades e leituras que podem auxiliar no trabalho com esta sensível obra literária.

Sugestões de trabalho em sala de aula com a obra literária

Orie: momentos pré-leitura e pós-leitura

Antes da leitura

1.

Apresentar o livro para o grupo é um momento especial e que envolve muitas habilidades e conquistas para as crianças: sentar em roda e respeitar o próprio corpo e o corpo de quem está ao lado, dividindo o espaço; fazer silêncio; concentrar-se na escuta, do professor e do colega; esperar a vez de falar; ter coragem para posicionar-se na frente da turma, expondo os próprios pensamentos. Diante disso está, ainda, a própria experiência de *conhecer* o objeto livro, interessando-se por este objeto, perdendo o medo, a vergonha, qualquer barreira que impeça de avançar para explorá-lo em suas múltiplas possibilidades.

Assim, sugere-se que o momento de leitura em grupo (o qual pode, inclusive, fazer parte da organização cotidiana da turma, sendo colocado junto às outras atividades diárias, no quadro ou mural da classe, possuindo um espaço de destaque, fixo) seja organizado de modo que todos possam dele usufruir com tranquilidade. Depois de as crianças estarem sentadas em roda, o livro pode ser mostrado pelo professor, sendo, aos poucos, explorado pela turma. Podem fazer parte dessa exploração conjunta perguntas do tipo:

Qual é o título do livro? Quem é o autor? Quem é o ilustrador? Como é o desenho da capa e da contracapa? Alguém arrisca, vendo apenas o desenho e sabendo do título, dizer sobre o que o livro trata?

2.

Depois de ouvir os alunos, o professor pode contar um pouco sobre quem é a autora e ilustradora do livro. Já ouviram falar sobre ela? Já leram algum outro livro que ela escreveu? A autora, Lúcia Hiratsuka, possui um site e um blog no qual se encontram dados valiosos sobre

sua biografia e sobre sua obra. O professor pode trazer alguns dados para apresentar aos alunos neste momento que antecede o mergulho no livro. As informações sobre a autora (há, inclusive, *links* para vídeos e entrevistas) estão disponíveis em: www.luciahiratsuka.com.br e www.luciahiratsuka.blogspot.com.br.

3.

O professor pode propor a leitura da sinopse da história, localizada na contracapa do livro. Todo esse percurso ajuda as crianças a desenvolver não apenas a concentração mas, especialmente, a adquirir um *comportamento leitor*: o que fazer quando estão diante de um livro? Como, com a autonomia adquirida, conquistada, escolher a própria leitura? Como indicar (ou não!) um livro ao colega?

4.

Após a leitura da sinopse, o professor pode contar para a turma que o livro trata da vida de uma menina, chamada Orie, e da vida de sua família. É interessante perguntar aos alunos o que eles acham desse nome que dá título ao livro: soa diferente? Conhecem alguém que se chama assim? Será que o nome vem de outro país? De qual? Como é a menina desenhada na capa do livro? Assim como a autora, Orie é descendente de japoneses. Ao longo da narrativa, pode-se pontuar, vamos sendo apresentados a diversos hábitos e costumes próprios dessa cultura oriental. O próprio traço utilizado pela autora (e ilustradora) traz, a cada página, ares dessas pessoas que originalmente moram do outro lado do planeta. E, afinal, será que a história se passa aqui ou lá? Durante a leitura, que tal olhar com atenção para os desenhos (para as roupas, para a paisagem, para os lugares por onde Orie e sua família passam, para os animais e pessoas com os quais deparam) e tentar adivinhar a localização dessa narrativa? Lembrando que, ao final do livro, a autora nos conta que a narrativa nasceu das lembranças da infância de sua própria avó, Orie, que veio do Japão para o Brasil

somente aos vinte anos de idade – mas nunca, ainda de acordo com Lúcia Hiratsuka, abandonou o seu *furusato* (sua terra natal).

Perguntas desse tipo, antes de começar a leitura, vão levando as crianças para dentro da história – e, no caso deste livro de imagens, fazendo-as perceber, com naturalidade e senso crítico, que lemos as palavras, mas também as ilustrações.

Em seu site, Lúcia Hiratsuka conta sobre a técnica de desenhar do sumiê e também sobre o *ehon*, que são os típicos livros ilustrados do Japão. O conteúdo está disponível na aba de “artigos” do próprio site da autora.

Há belas referências da arte oriental – não apenas japonesa – nos sites do Museu Nacional de Tóquio e do Tokyo Metropolitan Art Museum. Caso seja possível, acessar os sites dos museus com a turma pode ser uma experiência marcante: a escrita da língua já na abertura do site, grafada de forma completamente diversa da nossa, pode despertar curiosidade e interesse, já que imediatamente nos transporta para um mundo muito diverso daquele com o qual estamos acostumados a conviver (os sites têm tradução para o inglês: www.tnm.jp e www.tobikan.jp).

Vale lembrar, também, que uma das ganhadoras do Prêmio Hans Christian Andersen de 2018 (o mais importante no que se refere à literatura produzida para crianças) foi Eiko Kadono, uma das mais conceituadas autoras e ilustradoras japonesas de livros para crianças.

Hayao Miyazaki também é outra referência importante no âmbito do que tem sido produzido para crianças no Japão. É roteirista e diretor de longas-metragens de animação como *A viagem de Chihiro* (2001) e *Ponyo, uma amizade que veio do mar* (2008).

Para os adultos que desejem mergulhar um pouco em livros de autores japoneses, há o belo *Os amigos*, de Kazumi Yumoto (Mar-

tins Fontes, 2000) e a intrigante coletânea *14 contos de Kenzaburo Oe* (Companhia das Letras, 2011), cujo autor foi premiado com o Nobel de Literatura em 1994 e constrói em suas narrativas universos típica e profundamente arraigados na cultura japonesa.

Para as crianças dessa faixa etária é interessante apresentar o divertido livro *Quimonos*, de Annelore Parot (Companhia das Letras, 2010), que, por meio de dobraduras e ilustrações delicadas, mostra os costumes do Japão; há ainda os livros da artista sul-coreana Suzy Lee (*Sombra e Onda*, ambos da Companhia das Letras, 2018 e 2017, respectivamente) que, apenas por meio de imagens, revelam a força da natureza e das novas experiências – de dentro e de fora – que agem em conjunção na descoberta de nós mesmos. Algumas de suas obras podem ser apreciadas em: www.suzyleebooks.com.

5.

Com as crianças concentradas, interessadas, a leitura de *Orie* já pode ser feita: pausadamente, dando valor a cada palavra; mostrando o livro, as páginas abertas, as ilustrações, para si e para o grupo. Dessa maneira, todos podem entrar no ritmo do barco que leva *Orie* e sua família pelas águas do rio, apreciando, como ela, o passeio.

Durante a leitura, para incentivar a familiaridade com as letras, suas formas, sons e usos, o professor pode enfatizar as brincadeiras sonoras com as palavras feitas pela autora. Ver, por exemplo, a p.10 de *Orie*: “Na **b**eira do rio está o **b**arco. **B**alança, **b**alança. A água **b**alança. O **b**arco **b**alança”. Esta brincadeira pode ser retomada em outro momento, depois da leitura: as frases podem ser escritas no quadro, incentivando as crianças a notarem qual letra se repete, o som que a repetição promove e o resultado desse recurso estilístico para a compreensão do sentido. Não parece que nós, ao lermos, também balançamos como a água e o barco?

Já desvendado o mistério de onde se passa a narrativa, o professor pode apresentar (levando vídeos, imagens, desenhos variados, outros livros e referências, algumas apontadas aqui) componentes que formam o Japão atual: como são as cidades? Como é a natureza? Como vivem as crianças? Como são as escolas? O cotidiano ainda se parece com aquele que Orié nos apresenta? Traz alguma semelhança com o nosso cotidiano no Brasil, na cidade em que moram os alunos e o professor, ou é tudo completamente diferente? Estas perguntas imediatas respondem às perguntas sugeridas logo antes de entrar no livro e situam, histórica e geograficamente, os alunos. A partir disso, pode-se partir para interpretações e trabalhos mais aprofundados, que dizem respeito, também, à outra camada que a narrativa propõe: a passagem do tempo, o crescimento, as mudanças físicas e psíquicas que atravessam Orié e o olhar com o qual a menina engloba seu mundo. As perguntas e referências apresentadas nesse bate-papo logo após a leitura poderão embasar a abordagem interdisciplinar que será proposta adiante.

Logo depois de terminar a leitura, o professor pode voltar a algumas imagens e perguntar para a turma de que maneira eles a interpretam: o que as imagens, sem palavras, transmitem? Que narrativa elas contam? O que diz, o que está guardado, por exemplo, na imagem da p.9 de *Orié*? As próprias crianças podem sugerir imagens para as quais queiram voltar e interpretar.

Depois da leitura

1.

As atividades que se seguem à roda de leitura do livro podem ser realizadas aos poucos, em diversas sequências que se adequem aos planos de aula pensados pelo professor e aos interesses despertados na turma.

A primeira atividade que se sucede à leitura (a ser realizada, preferencialmente, não no mesmo dia, mas ocupando o espaço destinado aos livros no planejamento semanal) pode ser, novamente, a roda de conversa, como aquela que antecipou a leitura. A diferença agora (e é interessante que os alunos saibam disso!) é que todos possuem um campo de referências maior para pensar e conversar sobre o livro, sobre o que foi lido. Assim, as perguntas podem ser diversas e mais aprofundadas – as crianças poderão exercitar sua capacidade argumentativa. O que acharam do livro? Gostaram das ilustrações? E do modo como a autora conta a história, não só nos desenhos, mas na escolha das palavras? *Do que o livro trata, afinal?*

2.

Orié traz duas veredas muito potentes para o trabalho em sala de aula (e também fora dela). Uma diz respeito às experiências subjetivas ligadas ao crescer, ao amadurecer, que transformam cada um de nós não apenas internamente, mas na maneira como enxergamos o mundo.

É o que acontece com Orié, no passeio pelo rio, navegando águas que nunca são as mesmas e simbolizam a passagem do tempo: a menina vai olhando para si mesma, para seus pais, para o bebê que nasce; absorve as diferentes paisagens, encontra o burburinho da cidade, fantasia e imagina. Transforma-se, olhando para si, para os outros, para o mundo: temas tão caros às crianças no fim da educação infantil, fase em que o exercício do conviver, do brincar, do participar, do explorar, do expressar e do conhecer-se estão em pauta, no meio da roda.

A partir das descobertas trazidas em *Orie*, é possível propor que cada criança crie um pequeno livro, que pode ter um título como: “Passeio de um dia: o que descobri sobre mim e sobre o mundo”. O professor pode pegar uma folha A4, em branco, e dobrá-la em três partes, como se fosse uma sanfona. Distribuir uma para cada aluno e pedir que pensem em um passeio especial que tenham feito. Com o núcleo familiar, com amigos, com parentes mais distantes, com cuidadores... Que passeio os marcou? Praia, caminhar pelo bairro, ir ao mercado ou à padaria, à feira... Viram algo marcante? O que sentiram? O que cada um pode contar, fazendo desenhos, escrevendo (treinando a escrita de letras, palavras, a elaboração de frases), produzindo o próprio livro, um relicário de experiências?

Ao final da atividade, quem quiser pode contar, também em roda, sobre sua produção – e juntos, os livrinhos, colocados em pé, podem formar uma pequena exposição na sala de aula, para que todos possam acessar e compartilhar as experiências dos colegas.

3.

A atividade seguinte pode manter os passeios feitos por cada aluno como passo de continuidade, e também voltar ao livro, para a visita de *Orie* à cidade. O professor pode reler este trecho com os alunos. Mostrar os desenhos que a autora faz da cidade (ver sequência entre as p.20 e 23) e, em seguida, ler o trecho da p.22, em que a narradora descreve, pelas palavras, as sensações vistas e sentidas por *Orie*. A partir dessas sensações colocadas na narrativa (“A cidade vem. Cheia de gente que vai e vem. Cores de todos os lugares, lugares que *Orie* ainda não conhece. Hora de olhar gente. Roupa, cabelo, calçado. Hora de ouvir barulho. Trombeta, conversa, passos. Hora de sentir cheiro. Fritura, perfume, fumaça. Hora de brincar. Bola, peteca, máscara.”), o professor pode dividir o quadro em três fileiras e escrever em cada uma delas: OLHAR; OUVIR; CHEIRAR. A partir do que *Orie* percebe em

seu passeio à cidade, os alunos podem ser convidados a completar cada fileira de sensações (falando para o professor ou testando a escrita) de acordo com o passeio que fizeram. Além da organização (do grupo e individual, das próprias ideias e lembranças), da colocação e do treino das hipóteses de escrita, a turma poderá trabalhar a percepção do meio e os cinco sentidos do corpo humano. Mais tarde, cada aluno pode tentar desenhar, em um exercício livre e muito imaginativo, quais sensações sentiu durante seu passeio (o cheiro do mar; o tato no asfalto, na areia de uma praça; as cores da feira; o barulho da rua...) e, ao lado dos livros, os desenhos podem enriquecer a exposição dos trabalhos na sala de aula.

Sugestão de trabalho em sala de aula com a obra literária *Orie*, em atividade que agregue outras áreas e disciplinas para além da língua portuguesa

Orie propõe um mapa que se expande, do entendimento íntimo para o entendimento do mundo. E, ao apresentá-lo, expande também as referências dos leitores, que têm acesso a um mundo e a uma cultura provavelmente muito diversos daqueles com os quais convivem no cotidiano.

Como fecho para o trabalho com o livro *Orie*, propõe-se uma atividade em conjunto, da qual participe a turma toda e que, por sua vez, agregue diferentes áreas de conhecimento como artes plásticas, língua portuguesa, geografia e história.

Antes de iniciar essa atividade interdisciplinar, o professor pode propor que cada aluno faça uma pequena entrevista com seus responsáveis e pergunte, sucintamente: de que região brasileira veio a família e com quais profissões os pais e avós já trabalharam. As respostas serão usadas como base para a atividade.

Propõe-se a confecção de um grande mapa, a ser desenhado em papel craft ou cartolina pelos alunos. Um mapa cujo traçado será o contorno do mapa brasileiro (que pode ser preparado pelos professores). O centro, coração imaginário, será o percurso do rio que fazem *Orie* e sua família, desenhado pelas crianças com os elementos que elas trazem da narrativa.

Para preencher o mapa, cada criança irá representar com desenhos as informações que trouxe de casa: de qual região do Brasil veio cada família? No que trabalham? O desenho de cada criança irá preen-

cher o mapa brasileiro com as experiências pessoais, experiências que contam a história e as memórias de cada família da turma – assim como o livro traz as lembranças e a história de *Orie*. O mapa pode ser desenhado com caneta preta, pintado com tinta guache. Pode receber fotos, colagens, carimbos.

O professor pode, a partir das localidades de onde vêm as famílias, falar um pouco sobre cada região brasileira – praia, sertão, serra... Como são as plantas? O clima? As paisagens são diferentes entre si? E quando comparadas às paisagens do Japão, vistas nos desenhos de *Orie* e no material apresentado previamente pelo professor da turma?

Esse grande mosaico geográfico e sentimental sintetiza, ao mesmo tempo que expande, os novos conhecimentos e experiências trazidos por *Orie* – que, por sua vez, serão potencializados pelas vivências trazidas pelos próprios alunos –, fazendo da leitura desta obra literária um rico manancial de aprendizados.